

EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

Laura Gomes Carvalho

Laura Lopes da Silva

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo problematizar o tema Orientação sexual na escola, assunto considerado transversal pelo MEC. A educação sexual abrange os seguintes assuntos: sexualidade, gravidez precoce, aborto, AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis. A atuação dos educadores nesse setor é de extrema importância, tendo como objetivo formar, educar e informar sobre o autocuidado, o respeito, a diversidade sexual e no resgate do indivíduo enquanto sujeito de suas ações.

PALAVRAS CHAVE: Orientação sexual, Gravidez, Sexualidade, Escola

INTRODUÇÃO

É sabido que a sexualidade se aflora em todas as faixas etárias. Reprimir este fator no ambiente escolar, além de ser uma prática ilusória, propaga a ideia de que o universo que abarca a sexualidade é um tabu. E é justamente a falta de diálogo e informação que pode gerar entre adolescentes, consequências nocivas à sociedade, tais como preconceito, homofobia, Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), gravidez precoce, entre outros. A educação, portanto, é uma arma poderosa para a desconstrução destes fatores.

O número de casos de gravidez entre adolescentes ainda mantém-se elevado, mesmo nos países desenvolvidos, sendo extremamente preocupante o aumento nas idades mais baixas (11 a 15 anos). Portanto, a gravidez em adolescentes necessita ser discutida, para proporcionar medidas preventivas e como proposta imediata, aplica-se a educação sexual.

Estatísticas comprovam a relevância do tema. Segundo a (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) (PNAD) de 2013, 75% das adolescentes brasileiras que têm filhos estão fora da escola.

O MEC enfatiza nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Orientação Sexual, ainda, a importância do tema em relação à prevenção de DSTs.

O trabalho sistemático de Orientação Sexual dentro da escola articula-se, também, com a promoção da saúde das crianças, dos adolescentes e dos jovens. A existência desse trabalho possibilita a realização de ações preventivas das doenças sexualmente transmissíveis/Aids de forma mais eficaz. Diversos estudos já demonstraram os parcisos resultados obtidos por trabalhos esporádicos sobre esse assunto. (BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual, p.293)

Fora do âmbito preventivo, sabe-se, segundo o relatório do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos que ao menos cinco casos de violência homofóbica são registrados todos os dias no Brasil, sendo este um dado que não corresponde a totalidade dos casos, já que muitos não são registrados.

Apesar de o relatório do Ministério ter sido publicado em 2016, os dados são de 2013 – o que mostra também a dificuldade dos órgãos públicos na apuração de denúncias. Ainda segundo o relatório, em 2013 o Brasil era o país que mais matava por homofobia, tendo uma denúncia a cada 26 horas. Portanto, tratar de pluralidade, diversidade e respeito dentro da sala de aula, faz-se essencial não somente para semear conhecimento, como para salvar vidas que o preconceito e a intolerância matam quase diariamente.

Outros fatores também precisam ser desconstruídos por serem tão presentes na sociedade brasileira, como o feminicídio, a inequidade de gêneros, dentre outros temas que também têm sua importância enfatizada pelo MEC e precisam ser trabalhados em sala de aula. É essencial que os educadores, enquanto formadores de opinião, mantenham no ambiente escolar uma postura livre de preconceitos e opiniões paradigmáticas.

Apesar de não ser uma competência da escola, não cabe a ela julgar como certa ou errada a educação sexual que cada família oferece em âmbito privado. É papel do ensino, integrar a pluralidade e o respeito às diferenças na vida dos alunos, sem que haja violação dos direitos humanos dentro ou fora da sala de aula. Assim, é necessário que a escola seja um ambiente em que a sexualidade possa ser expressada com bases como a igualdade de gênero, a não-discriminação e a tolerância, para que, no futuro, a sociedade possa ter como característica tais atributos.

Tal tema faz-se necessário por ser transversal e atual, afetando a vida dos alunos, pais e professores nos mais diversos aspectos. Ainda segundo o MEC:

Com a inclusão da Orientação Sexual nas escolas, a discussão de questões polêmicas e delicadas, como masturbação, iniciação sexual, o “ficar” e o namoro, homossexualidade, aborto, disfunções sexuais, prostituição e pornografia, dentro de uma perspectiva democrática e pluralista, em muito contribui para o bem-estar das crianças, dos adolescentes e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura. (BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual, p.293)

REFERENCIAL TEÓRICO

Apesar da discussão sobre o tema Educação sexual nas escolas (somente no ensino fundamental e médio) ter se iniciado na década de 20, esse assunto só se consolidou na década de 70 após movimentos sociais e políticos, como o movimento feminista e os setores que controlavam a porcentagem de natalidade da época, com o objetivo de repensar o papel da escola nesse setor.

Mas só em 1996, no Brasil, o Ministério da Educação, apoiado por diversos pesquisadores, criou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), sendo lançados como documentos de grande utilidade, em que a principal função é a de fornecer aos sistemas de ensino, principalmente aos docentes, subsídios à elaboração e/ou reelaboração do currículo. Ou seja, os PCNs trazem orientações para o ensino das disciplinas que formam a base nacional, e mais um conjunto de temas transversais que permeiam todas as disciplinas para ajudar a escola a cumprir seu papel constitucional de fortalecimento da cidadania. A Orientação Sexual é dentro dele, a diversidade sexual, o assunto que será tratado neste trabalho, é um dos temas considerados transversais e presentes nos documentos lançados.

Nesses parâmetros, os docentes podem introduzir em suas aulas desde a Sexualidade e Saúde Reprodutiva, como também, propor a discussão de princípios democráticos como a igualdade de direitos, o ser humano como um ser social, e a participação e a corresponsabilidade social.

Na lista de objetivos gerais do tema Orientação sexual, publicado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, não se encontra somente tópicos relacionados ao

ato sexual, como o de “conhecer seu corpo, valorizar e cuidar de sua saúde”, mas também de identificar e repensar “tabus e preconceitos referentes à sexualidade, evitando comportamentos discriminatórios e intolerantes e analisando criticamente os estereótipos” bem como “reconhecer como construções culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra discriminações a eles associadas”.

Visto que essa temática é muito associada a preconceitos, tabus, crenças ou valores singulares, como enfatiza o Ministério da Educação, a importância de se discutir sobre esse assunto na sala de aula é extrema, pois a sexualidade de uma criança, apesar de ser individual, é afetada durante toda sua vida pelas pessoas de seu convívio, ou seja, o modo como se aprende, conhece e assimila sobre tudo que envolve a Educação sexual influencia na vida psíquica do ser humano. Ainda segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, sobre Orientação sexual:

Se as palavras, comportamento e ações dos pais configuram o primeiro e mais importante modelo da educação sexual das crianças, muitos agentes sociais e milhares de estímulos farão parte desse processo. Todas as pessoas com quem convivem – outras crianças, jovens e adultos – ao expressarem sua sexualidade ensinam coisas, transmitem conceitos e ideias, tabus, preconceitos e estereótipos que vão se incorporando à educação sexual. (BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual, p 291).

Além de desconstruir preconceitos e estereótipos sobre a diversidade sexual, por exemplo, esse tema como enfatiza o MEC: “articula-se também com a promoção de saúde das crianças, dos adolescentes e dos jovens.”, abordando também conteúdos como: gravidez precoce, abuso sexual e métodos anticoncepcionais, trazendo um leque de conhecimentos sobre a sexualidade.

É reconhecido por todos que, atualmente, a educação sexual se faz impostergável, por sua influência na formação integral da criança e do adolescente. A omissão, diante desta evidência, trata repercussões que podem comprometer não só o presente como o futuro das gerações.

DESENVOLVIMENTO

A escola, como espaço pedagógico, destaca-se entre os grupos de referência por ter como função formar e informar os alunos, logo, a orientação sexual torna legal a discussão sobre sexualidade. Foi constatado por alguns autores que o fato de jovens terem aulas sobre sexualidade, não influenciou na decisão de iniciarem a atividade sexual, porém, o número de gestações foi menor.

Por isso, é necessário buscar instrumentos que permitam preparar aquele que vai orientar, levando em conta que estes esses assuntos merecem ser enfocados na disciplina de ciências e biologia, mas que sejam incluídos neste contexto de maneira que os sentimentos, o prazer e o respeito às diversidades sexuais também sejam utilizados na abordagem deste conteúdo.

Para isso, deve-se reconhecer a criança como ser sexuado e o adolescente desvinculado dos estereótipos que o ligam à liberação dos costumes, ao erotismo excessivo e à promiscuidade. É importante não enxergar a sexualidade como sinônimo de sexo ou atividade sexual, mas sim como parte inerente do processo de desenvolvimento da personalidade. Perante essas constatações, fica fácil concluir que os horizontes da escola devem se ampliar cada vez mais, abrangendo conhecimentos sempre mais relevantes sobre adolescência e sexualidade, o que possibilitará o desenvolvimento de técnicas de abordagem ainda mais adequada, principalmente na área de prevenção, reconhecendo os fatores de riscos, tais como variáveis sociais e comportamentais.

Percebe-se que a ausência do assunto pode alimentar preconceitos e conceitos morais equivocados, produzindo discriminação e atitudes incorretas. Desta forma, há necessidade de investir no planejamento de atividades escolares que possam minimizar as desigualdades de gênero, objetivando que, para um futuro próximo, tenhamos uma sociedade igualitária na questão do respeito às diversidades sexuais, nas questões de gênero e nas relações sociais humanas. Estas questões são muito influenciadas pelo modelo de homem e de mulher que as crianças têm à sua volta, na família e na escola, apresentados por pessoas adultas que influenciam em grande proporção na construção de referências de gênero.

Para tratar o assunto gênero, assim como a educação sexual, há grande necessidade dos educadores passarem por uma capacitação com o objetivo de sanar alguns problemas herdados da educação que cada um recebeu, sanando problemas comuns como machismo, sexismo e preconceitos. Esta capacitação proposta serviria para buscar qualidade na educação sexual, incorporando os dinamismos culturais, sociais e sexuais conduzindo e propiciando a formação de seres humanos críticos, criativos e ousados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se então, que é fundamental a discussão da educação sexual na escola vista como um ambiente preparatório aos alunos, visando informar, esclarecer e sensibilizar os educandos. Os critérios morais de julgamento devem ser abandonados e substituídos por proteção ao indivíduo, à sua saúde e projeto de vida, assim, a orientação sexual não será baseada no uso do preservativo ou método anticoncepcional, mas no resgate do indivíduo enquanto sujeito de suas ações, o que favorece o desenvolvimento da cidadania e o compromisso consigo mesmo e com o outro. Essa proposição não invalida o fato de ter sempre presente a anticoncepção como parte relevante da proposta preventiva.

Os professores deverão estar preparados para o desafio de orientar um ser ávido por experimentar o novo, destemido por se julgar invulnerável e imaturo ou amador para lidar com o impulso sexual, em um corpo que a todo o momento, é renovado por mudanças marcantes.

Cecília Cardinal de Martin afirma: “A educação sexual deve ser: uma educação mais para o ser do que para o ter e o fazer; uma educação para formação da autoconsciência e dos próprios valores; uma educação para a troca; uma educação para liberdade; uma educação para o amor; uma educação para a vida passada, presente e futura.” Em poucas palavras, a proposta da educação sexual deve conter liberdade, responsabilidade e compromisso, a informação funcionando como instrumento para que adolescentes de quaisquer que sejam os sexos possam ponderar decisões e fazer escolhas mais adequadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, A.; ARAUJO, L.; PEREIRA, M. E. Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais, livro de conteúdo. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

AQUINO, Julio Groppa (Org.). Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo; Summus, 1998

EGYPTO, Antonio Carlos. Sexo, prazeres e riscos. São Paulo: Saraiva, 2005.

MARTIN, Celília Cardinal; Educacion sexual: um proyecto humano de multiplex facetas. São Paulo: Ebook, 2005.